

# PARNASIANISMO

LINGUAGENS

– PROFA. RAQUEL MONTEIRO

01.08.2024



raquelmonteiro\_apostilas



deixaetecontar8082

meSalva!



# O PARNASIANISMO NO BRASIL



- 1) Afastamento da poesia romântica;
- 2) Retomada de valores clássicos;
- 3) Poesia mais objetiva;
- 4) Elevado nível vocabular – eruditismo;
- 5) Racionalismo;
- 6) Influenciado pelo Parnasianismo francês, mas não uma cópia;
- 7) Gosto pelo soneto;

- 
- 8) Esteticismo;
  - 9) Arte pela arte;
  - 10) Descritivismo;
  - 11) Apreço por coisas e fatos exóticos;
  - 12) Uso da frase na ordem direta.



ms

# *Profissão de Fé*, Olavo Bilac

(...)

*invejo o ourives quando escrevo:*

*Imito o amor*

*Com que ele, em ouro, o alto relevo*

*Faz de uma flor.*

*Imito-o. E, pois, nem de Carrara*

*A pedra firo:*

*O alvo cristal, a pedra rara,*

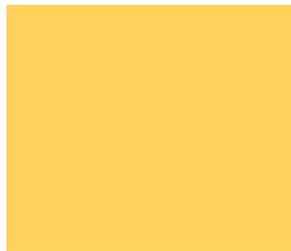
*O ônix prefiro.*

*Por isso, corre, por servir-me,*

*Sobre o papel*

*A pena, como em prata firme*

*Corre o cinzel.*



*Corre; desenha, enfeita a imagem,  
A ideia veste:  
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem  
Azul-celeste.*

*Torce, aprimora, alteia, lima  
A frase; e, enfim,  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um rubim.*

*Quero que a estrofe cristalina,  
Dobrada ao jeito  
Do ourives, saia da oficina  
Sem um defeito:*



*E horas sem conto passo, mudo,  
O olhar atento,  
A trabalhar, longe de tudo  
O pensamento.*



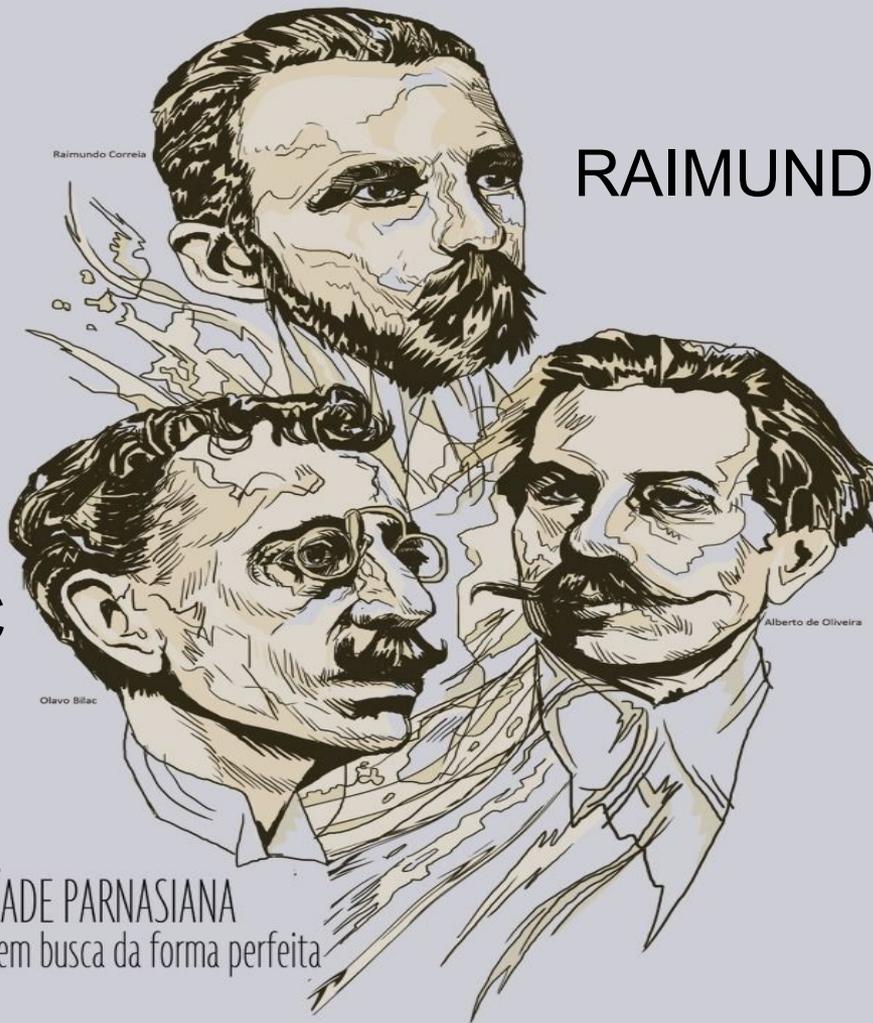
*ms*

*Porque o escrever - tanta perícia,  
Tanta requer,  
Que ofício tal... nem há notícia  
De outro qualquer.*



RAIMUNDO CORREIA

ALBERTO DE OLIVEIRA



TRÍADE PARNASIANA  
em busca da forma perfeita

OLAVO BILAC



# A UM POETA



Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.

# VASO CHINÊS – Alberto de Oliveira

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o mármore luzidio,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio



Mas, talvez por contraste à desventura,  
Quem o sabe?... de um velho mandarim  
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a,  
Sentia um não sei quê com aquele chim  
De olhos cortados à feição de amêndoa.



# **HORAS MORTAS – Alberto de Oliveira**

Breve momento após cumprido dia  
De incômodos, de penas, de cansaço  
Inda o corpo a sentir quebrado e lasso,  
Posso a ti me entregar, doce Poesia.

Desta janela aberta, à luz tardia  
Do luar em cheio a clarear no espaço,  
Vejo-te vir, ouço-te o leve passo  
Na transparência azul da noite fria.

Chegas. O ósculo teu me vivifica  
Mas é tão tarde! Rápido flutuas  
Tornando logo à etérea imensidade;

E na mesa em que escrevo apenas fica  
Sobre o papel — rastro das asas tuas,  
Um verso, um pensamento, uma saudade.

# Mal secreto – Raimundo Correia

Se a cólera que espuma, a dor que mora  
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora  
Ver através da máscara da face,  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!



Quanta gente que ri, talvez, consigo  
Guarda um atroz, recôndito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja ventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!



# SIMBOLISMO



LINGUAGENS-  
PROFA. RAQUEL MONTEIRO

01.08.2024



*Noite estrelada sobre o Ródano, 1888, Vincent Van Gogh*



raquelmonteiro\_apostilas



deixaetecontar8082

*meSalva!*

# Pandemonium, Cruz e Sousa

Em fundo de tristeza e de agonia  
O teu perfil passa-me noite e dia.

Aflito, aflito, amargamente aflito,  
Num gesto estranho que parece um grito.

E ondula e ondula e palpitando vaga,  
Como profunda, como velha chaga.

E paira sobre ergástulos e abismos  
Que abrem as bocas cheias de exorcismos.



Com os olhos vesgos, a flutuar de esguelha,  
Segue-te atrás uma visão vermelha.

(...)

Uma visão que é tua sombra pura  
rodando na mais trágica tortura.

(...)

Por toda a parte escrito em fogo eterno:  
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!



*O poeta John Milton, no poema épico “Paraíso perdido”, de 1667, inventou a expressão para nomear o centro gestor do inferno. Ele importou as palavras gregas “pan” (tudo, todos) e “daimon” (divindade menor, demônio). Pandemonium era o palácio em que se reuniam os demônios sob a presidência de Satã. No século XIX o sentido do termo mudou para “confusão selvagem”.*

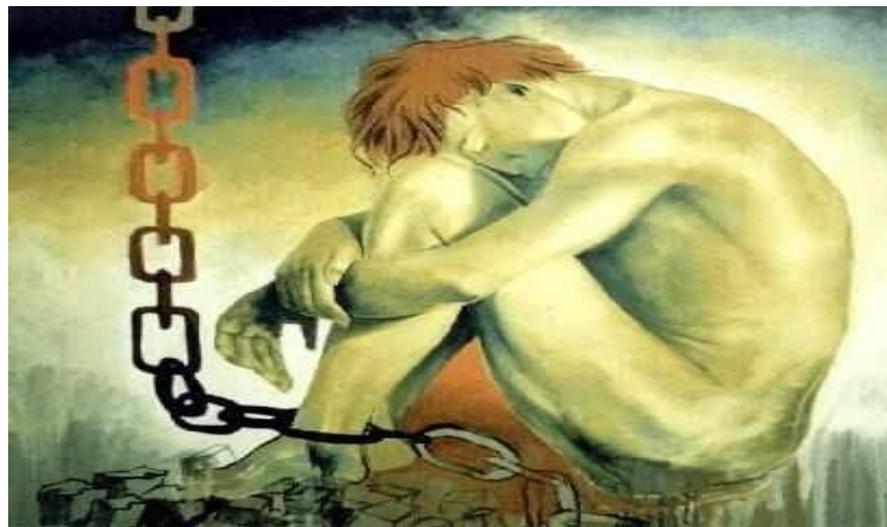
## CÁRCERE DAS ALMAS – CRUZ E SOUSA, ÚLTIMOS SONETOS, 1905

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as  
liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades  
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
Que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério?!





## ***CRUZ E SOUSA (1861 – 1898) Desterro (hoje, Florianópolis)***

- Diretor do Jornal abolicionista Tribuna Popular, em 1881;
- Filho de pais libertos, foi adotado pelo Marechal, ex-dono dos pais dele; aprendeu latim, grego e francês;
- Nomeado promotor público em Laguna, em Santa Catarina, não foi aceito por ser negro;
- Só conseguiu um único emprego fixo de arquivista na Estrada de ferro Central do Brasil;
- Casou-se com Gavita Gonçalves, com quem teve quatro filhos, os quais morreram vítimas de tuberculose. Isso foi motivo da loucura da esposa. Internada no hospital, ele a retirou de lá e tentou curá-la da loucura;
- Morreu vítima de tuberculose, em condições terríveis, em Minas Gerais; ele morre em condições miseráveis.
- Seu corpo foi enviado para o Rio de Janeiro, em um vagão que transportava cavalos.

***Alma! Que tu não chores e não gemas,  
Teu amor voltou agora.  
Ei-lo que chega das mansões extremas,  
Lá onde a loucura mora!***

***(Trecho do poema Ressurreição, por ocasião da loucura da esposa)***

**Sorriso interior** – poema escrito momentos antes de morrer

O ser que é ser e que jamais vacila  
Nas guerras imortais entra sem susto,  
Leva consigo esse brasão augusto  
Do grande amor, da nobre fé tranquila.

Os abismos carnavais da triste argila  
Ele os vence sem ânsias e sem custo...  
Fica sereno, num sorriso justo,  
Enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,  
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...  
E para ironizar as próprias dores  
Canta por entre as águas do Dilúvio!

Cruz e Sousa, João da. Sorriso interior. Últimos sonetos. Rio de Janeiro:  
UFSC/Fundação Casa de Rui Barbosa/FCC, 1984.



- Revolução Industrial;
- Aceleração da produção e venda de mercadorias – obsessão pelo progresso;
- Êxodo – aumento da desigualdade social;
- Automação da indústria;
- Índícios da Primeira Guerra Mundial (1914-18);
- Onda de pessimismo e inquietação;
- Questionamento da objetividade.

## NA ARTE...

- Realidade deixa de ser a referência;
- Expressar a natureza como sugestão e não como representação;
- Expressar o efêmero;
- O artista não representa a forma tal qual sabe como ela é, mas como a vê sob a ação deformadora da luz – subjetividade;
- É banido o desenho-contorno.



Impressão, nascer do sol, Claude Monet, 1872

Cores se misturam;  
Flores e folhagem se mesclam;  
Inexatidão dos contornos;  
Mulher e jardineiro se confundem  
com o restante da paisagem;  
Vaguidão;  
★ Subjetividade.

Mulher com para-sol no jardim, 1875, Auguste Renoir.



- 1) Teor místico;
- 2) Mistério;
- 3) Figura alada;
- 4) As cores remetem ao onírico;
- 5) Mistura de cores.

**Velho com a barba branca**, Odilon Redon.





- O símbolo é o disfarce das ideias; <sup>ms</sup>
- Musicalidade
- Ambiguidade
- Diafaneidade
- Imprecisão
- Metáforas
- Sinestesias
- Hermetismo

ESPERANÇA, 1886, George Frederic Watts

- Emprego de iniciais maiúsculas no meio do verso;
- Mistério;
- Espiritualidade;
- Onirismo;
- Morbidez;
- Gosto por espaços sombrios;



REFLEXÃO, ODILON REDON.



Indefiníveis músicas supremas,  
Harmonias da Cor e do Perfume...  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,  
Surdinas de órgãos flébeis, soluçantes...  
Dormências de volúpicos venenos  
Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...  
(...)



# Violões que choram – Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões **dormentes, mornos,**  
Soluços **ao luar,** choros **ao vento...**  
**Tristes** perfis, os mais **vagos** contornos,  
Bocas **murmurejantes de lamento.**

Noites **de além,** remotas, que eu recordo,  
Noites **da solidão,** noites **remotas**  
Que nos azuis da fantasia bordo,  
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações **à luz da lua.**  
Anseio dos momentos mais **saudosos,**  
Quando lá choram na **deserta** rua  
As cordas vivas dos violões **chorosos.**

Quando os sons dos violões **vão soluçando,**  
Quando os sons dos violões nas cordas  
**gemem,**  
E vão **dilacerando** e deliciando,  
**Rasgando as almas** que nas sombras tremem.

Vozes veladas, veludosas vozes,  
Volúpias dos violões, vozes veladas,  
Vagam nos velhos vórtices velozes  
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.  
Tudo nas cordas dos violões ecoa  
E vibra e se contorce no ar, convulso...  
Tudo na noite, tudo **clama** e voa  
Sob a **febril** agitação de um pulso.



Que esses violões **nevoentos** e **tristonhos**  
São **ilhas de degredo atroz, funéreo,**  
Para onde vão, fatigadas no **sonho,**  
Almas que se abismaram no **mistério.**

**BALADA DE LOUCOS ( Prosa poética em que o poeta se refere a ele e a Gavita) Texto de caráter sentimental**

Mudos atalhos afora na soturnidade de alta noite, eu e ela, caminhávamos.

Eu, no calabouço sinistro de uma dor absurda, como de feras devorando entranhas, sentindo uma sensibilidade atroz morder-me, dilacerar-me.

Ela, transfigurada por tremenda alienação, louca, rezando e soluçando baixinho rezas bárbaras.

Eu e ela, ela e eu! — ambos alucinados, loucos, na sensação inédita de uma dor jamais experimentada.

A pouco e pouco — dois exilados personagens do Nada — parávamos no caminho solitário, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguém, as paradas rítmicas do esquife...

Eram em torno paisagens tristes, torvas, árvores esgalhadas nervosamente, epilepticamente — espectros de esquecimento e de tédio, braços múltiplos e vãos sem apertar nunca outros braços amados!

Em cima, na eloquência lacrimal do céu, uma lua de últimos suspiros, morta, agoniadamente morta, sonhadora e niilista cabeça de Cristo de cabelos empastados nos lívidos suores e no sangue negro e esverdeado das letais gangrenas.

Eu e ela caminhávamos nos despedaçamentos da Angústia, sem que o mundo nos visse e se apiedasse, como duas Chagas obscuras mascaradas na Noite.

ISMÁLIA, Alphonsus de Guimaraens

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...





E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...



# meSalva!

 [mesalvaoficial](#)

 [mesalva](#)

 [mesalva](#)

 [mesalva](#)

[mesalva.com](#)